

MARIA JOÃO AMADO (TRANSCRIÇÃO)

Boa tarde. Primeiro eu gostaria de agradecer a oportunidade de estar aqui conversando com vocês. Estou me sentindo importante de estar conversando com pessoas do calibre de Márcia, de Ivan e de você também, Tayna. É uma honra para mim estar aqui.

Como você falou, estou desde o começo envolvida nesse projeto, mas, na verdade, no projeto da Casa do Rio Vermelho eu estou envolvida desde antes do começo. Eu sou neta de Jorge e de Zélia e cresci na Casa do Rio Vermelho, então eu posso dizer que conheço cada cantinho. Desde o forro onde eu me escondia quando era criança para ouvir a conversa dos adultos, até as árvores em que eu subia para pegar fruta, para o suco do almoço. O espaço museográfico do memorial, foi pensado para que as pessoas pudessem ter uma visão de como era a vida de Jorge e de Zélia naquele lugar. A gente procura manter a casa viva, porque essa é a grande vantagem de ser um museu-casa. Ao mesmo tempo em ele tem a importância de um museu, o acervo e o projeto, ele tem a tranquilidade de um lar.

O Memorial surgiu de um pedido de dona Zélia quando meu avô morreu e ela continuou vivendo lá. No ano seguinte, o 10 de agosto, que é o aniversário de Jorge, coincidiu com o Dia dos Pais, e nesse dia abrimos a casa para as pessoas que queriam visitar. No nosso endereço sempre teve gente tocando na porta e dizendo: "Oi, eu quero ver onde mora Jorge Amado, como é sua vida". Foi uma experiência muito legal, porque tivemos desde um vendedor de picolé da Capelinha –um picolé tradicional que a gente tem aqui, que vem de um lugar chamado Capelinha de São Caetano –, até o reitor de Stanford, que estava na Bahia e que veio conhecer. Então, qual é o nosso público-alvo? Gente que respira. Porque a casa de Jorge é do povo da Bahia, e recebemos todo mundo. Naquela ocasião, a casa ficou lotada o dia inteiro, e a minha avó percebeu a necessidade de em memorial, um lugar onde as pessoas pudessem visitar e conhecer um pouco mais de Jorge. Foi um trabalho de onze anos dessa transformação de lar em espaço de visitaçã, e nós tivemos a honra e a sorte de ter um

curador como o Gringo Cardia, que fez uma maravilha. São dezessete espaços expositivos, e cada um com sua especificidade, conta um pouco da história.

Quem não é de Salvador talvez não saiba, mas nós aqui também temos a Fundação Casa de Jorge Amado, no Pelourinho, que desde 1988 está aberta ao público e é um lugar onde as pessoas podem vir conhecer o escritor Jorge Amado e pesquisar sua obra. Então, quando inauguramos o Memorial, a nossa ideia era que as pessoas conhecessem o *homem* Jorge Amado e sua *mulher* [Zélia Gattai], soubessem quem é essa família. Não tem como isso não perpassar toda a obra dele mas não é o mais importante. O mais importante é: “Quem foi essa pessoa? Quais os seus hábitos?”. Sabe aquelas camisas icônicas de Jorge? Elas estão lá em exposição. Então você vai ver a cama onde ele dormia, os objetos pessoais, a máquina de escrever com originais de sua obra ao lado. Tudo isso separado em espaços expositivos que contam essa história toda de forma lúdica e muito simples.

O museu hoje em dia precisa ter essa linguagem acessível a todos. Não dá pra ser um lugar distante, onde não se sente à vontade e dá medo de ir. Às vezes as pessoas olham e pensam: “Ah, isso aí não é para mim, não”. Na Casa do Rio Vermelho procuramos ser o oposto. Recebemos crianças, idosos, famílias, todo mundo se sente em casa. Ouço muito: “Poxa, eu estou com vontade de voltar a ler Jorge Amado, ou de começar a ler Jorge Amado”. Hoje em dia muita gente conhece Jorge das obras que foram adaptadas para a televisão, cinema e teatro, mas a maioria não leu a obra. Então, temos essa oportunidade de formar novos leitores.

Jorge foi um homem que conviveu com as personalidades mais incríveis e mais importantes do século XX. No encontro de museus-casas em que estive, na Casa de Cora Coralina, na cidade de Goiás, surgiu uma ideia que este ano finalmente colocamos em prática: os amigos visitando Jorge. No momento, estamos com duas exposições diferentes na Casa do Rio Vermelho. Uma de fotos da visita que Saramago fez ao Brasil, a Salvador, para ver o amigo, e outra de objetos pessoais de Saramago no quarto de hóspedes. O escritor português está hospedado lá com a gente, nos visitando. Eu vejo que é dessa forma, por exemplo, que mantemos o museu, de a gente mostrar para o povo que, embora nem Jorge nem Saramago estejam mais por aqui, eles continuam vivos na Casa do Rio Vermelho. Caymmi tem uma música que diz: “Adalgisa mandou

dizer a Bahia tá viva ainda lá”. E é assim que eu vejo a Casa do Rio Vermelho: a Bahia tá viva ainda lá.

Hoje tivemos uma apresentação de uma camerata da Orquestra Sinfônica da Bahia na Casa, em comemoração ao aniversário de Zélia que completaria 106 anos agora em julho, e este mês está dedicado a ela. Depois, passando pela varanda, um visitante comentou: “Esse Jorge Amado era um porreta! Ele sabia viver”. Porque é uma casa muito simples, colonial, toda em telha vã, feita com tijolos de adobe. Ela não tem o que as pessoas hoje enxergam como luxo, como riqueza, mas é prene em arte. Meu avô costumava chumbar obras de arte nas paredes, então por onde se olha tem beleza. Lá tem um pouco de cada um dos grandes artistas que conviveram com Jorge. É um lugar onde a alta cultura se mistura com a arte popular. Porque é isso que é Jorge Amado. Ele traz uma linguagem acessível ao grande público, uma reflexão muito profunda de o que é a vida. Ele é um escritor que deu à sua gente, ele trouxe para o protagonismo o povo da Bahia, e é isso que a gente busca fazer na Casa do Rio Vermelho. O nosso lema lá, nosso *slogan*, é “Se for de paz, pode entrar”. Porque é nisso que a gente acredita, e era isso que Jorge falava. Então, estamos sempre de portas abertas para o povo da Bahia. - E agora não estou falando como Casa do Rio Vermelho, mas como família Amado-. Para nós é uma forma de retribuir o tanto que nos foi dado. É abrindo as portas e mostrando, trazendo de volta para a Bahia esse pertencimento, essa força, essa beleza que é a nossa cultura. Eu vejo que a melhor forma que de ser internacional é falando da nossa aldeia, da nossa cidade, da nossa casa.

Então, meus amigos, vou concluir fazendo um convite: quando estiverem em Salvador venham nos fazer uma visita. Com isso eu me despeço, agradecendo muito a oportunidade de estar aqui com vocês hoje.

Maria João Amado é redatora publicitária, com especialização em redes sociais, atuou por 10 anos no mercado publicitário baiano. Trabalhou também na catalogação e transformação da casa de Jorge Amado e Zélia Gattai em Memorial e está engajada, desde o início, nesse projeto. Atualmente faz parte da equipe de gestão e dinamização de conço ativos culturais da Prefeitura Municipal de Salvador: Casa do Rio Vermelho – Jorge Amado e Zélia Gattai, Casa do Carnaval da Bahia, Cidade da Música da Bahia, Espaço Carybé de Artes e Espaço Pierre Verger da Fotografia Baiana.